

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.dj@dabr.com.br

Giro de 180 graus

O gesto de apoio de Lula ao ministro das Comunicações, Juscelino Filho, é o padrão que ele vai adotar sempre que houver algum ministro enroscado num processo ou denúncia que precise de investigação. É o inverso do que era feito em governos anteriores, quando ministros eram afastados em caso de qualquer suspeita.

O estresse de Gilvan

Pelo menos sete deputados, entre eles Gilvan Máximo (Republicanos-DF), estão sob tensão desde a noite de ontem, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) formou maioria para redistribuição das sobras eleitorais. E devem continuar assim por um bom tempo, porque o caso agora sai do plenário virtual e vai para o plenário, onde cada ministro terá que votar novamente. Além de Gilvan, estão nesse imbróglio Doutor Pupio (MDB-AP), Lázaro Botelho (PP-TO), Lebrão (União-TO), Professora Goreth (PDT-AP), Sílvia Waiápi (PL-AP) e Sonise Barbosa (PL-AP).

E a alegria de Rodrigo?

No Distrito Federal, quem também está na expectativa é o ex-governador e ex-deputado Rodrigo Rollemberg, do PSB. Ele ganhará um mandato se Gilvan tiver a eleição anulada.

Network

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), fez questão de comparecer às festas de São João na Paraíba e vai também a Pernambuco. Lira tem feito questão de manter seu grupo unido e num bom astral. Afinal, se todos estiverem prestigiados, aumentam as chances de Lira continuar no comando da própria sucessão.

Entrevistas para mudar a pauta

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva será aconselhado a incluir em suas entrevistas e outras falas, Brasil a fora, o discurso de que o país, apesar dos pesares, passa longe das previsões do ex-ministro da Economia Paulo Guedes. Em um ano e meio de governo, o país não virou nem uma Venezuela, tampouco uma Argentina. O Brasil tem reservas internacionais invejáveis. De quebra, retomou todos os programas sociais que haviam sido reduzidos e o emprego de carteira assinada subiu.

Porém, desde a aprovação da emenda constitucional da reforma tributária, o debate desses temas saiu do palco principal e a população terminou direcionada para discussões que não são prioritárias para o país — tal como aborto legal, drogas e jogos de azar.

É hora de mudar essa toada. Só tem um probleminha: ficar falando mal do presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto, não ajudará Lula a promover as boas notícias de seu governo.

A avaliação geral dos aliados do presidente, colocada de forma reservada por senadores e nas rodas de conversas em eventos sociais de Brasília, é de que os opositores não têm como se contrapor aos programas sociais apresentados pelo governo. Por isso, viraram o leme para as pautas de costumes, com o aval dos partidos do centro. Cabe a Lula e a seus ministros baterem bumbo para repor a agenda ambiental e social de forma mais forte, tirando de cena as cascas de banana que a oposição joga a fim de tentar dominar o debate pré-eleitoral.



CURTIDAS

Arquivo pessoal



Amor, Justiça e... / Com tantas autoridades presentes, os bastidores do casamento do advogado criminalista Michel Saliba com a chefe de Gabinete da Secretaria Executiva do Ministério da Justiça, Angelita Rosa, transformou-se num debate, na última quinta-feira (foto). Lá estavam o ministro da Justiça Ricardo Lewandowski, com a mulher Yara; o ministro do Desenvolvimento Agrário, Paulo Teixeira; e o ex-ministro José Dirceu.

... política/ Ganhou destaque o fato de tanto o Parlamento quanto o Judiciário estarem se dedicando a assuntos já legislados, vide a discussão sobre o aborto e saidinhas de presos. O momento tem que ser aproveitado no sentido de sedimentar o ambiente democrático e acertar o passo na economia.

O Ethan Hunt da Esplanada/ O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, é visto entre os colegas como aquele que tem hoje uma missão impossível, bem ao estilo do personagem vivido por Tom Cruise nas telas de cinema: escolher uma saída que agrade a todos e ainda represente a própria sobrevivência. Haddad precisa agradar a Lula, ao mercado e ao Parlamento.

Colaborou Rosana Hessel

TRAGÉDIA NO SUL

Aposta tucana na polarização

Integrantes do PSDB creem que se o governo federal não entregar o prometido ao estado, desgaste de Lula se potencializará

» HENRIQUE LESSA

Enquanto o governador gaúcho, Eduardo Leite (PSDB), e o ministro da Reconstrução do Rio Grande do Sul, Paulo Pimenta, deixam de lado as diferenças políticas para trabalharem juntos na reconstrução do estado, lideranças tucanas apostam na crise assumindo a polarização com o governo federal. Um dos cardeais do PSDB que mais vocalizou críticas às ações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi o deputado federal Aécio Neves (MG), que classificou a escolha de Pimenta como “excrecência”.

Os tucanos vislumbram para o governo federal um efeito semelhante ao do furacão Katrina, que em 2005 devastou a cidade de Nova Orleans e derrubou a popularidade do então presidente George W. Bush. “Se o governo federal não entregar nada do que prometeu, e a tendência é de que não entregue, Lula perderá muito. Se não resolver os problemas, vai cair no colo dele”, aposta uma fonte da direção do PSDB.

Os tucanos têm certeza de que Pimenta é pré-candidato ao governo gaúcho em 2026, mas reconhecem ele tem sido um interlocutor do governador, o que não acontece com outros membros do Executivo federal. “Está mais difícil para o Leite conseguir algo com o (ministro da Fazenda, Fernando) Haddad, com o (ministro de Minas e Energia, Alexandre) Silveira, ou com o próprio Lula, do que com Pimenta”, criticam caciques do PSDB.

Irritado com os ruídos políticos na ajuda federal ao Rio Grande do Sul, o ex-governador

Germano Rigotto (MDB) afirmou ao **Correio** que há lideranças tucanas de fora do estado jogando pesado para construir animosidades com o governo federal. “Tem gente criando problema onde não tem. Vi declarações de lideranças nacionais do PSDB, que provavelmente sequer colocaram o pé no estado, dando palpite e confundindo os assuntos. Se tem algum problema de condução do governo federal, o governador Leite tem toda a condição de cobrar isso e apontar onde está falhando”, afirmou.

Sobre a crítica dos tucanos de que Lula interveio no estado ao indicar Pimenta, Rigotto disse que o governador gaúcho segue dirigindo o Rio Grande do Sul. “Não existe essa história de interventor. Pimenta foi orientado pelo presidente a acompanhar o processo sem misturar a questão partidária e ideológica com aquilo que tem que acontecer. O governador é que comanda o processo de reconstrução”, frisou.

No governo federal, integrantes da força-tarefa no Rio Grande do Sul reconhecem que há diferenças com o governador, mas negam dificuldades no relacionamento ou alguma espécie de boicote. A ideia é evitar ruídos com os tucanos gaúchos para não reforçar o discurso de alguns integrantes do partido de que antes da reconstrução do estado, vêm os interesses eleitorais do Palácio do Planalto no estado e em Porto Alegre — sobretudo depois que pesquisas eleitorais mostram a deputada Maria do Rosário (PT-RS) à frente do prefeito da capital, Sebastião Melo (MDB), que busca a reeleição.

Maurício Tonetto/Secom/GRS



Leite e Pimenta (com a ministra Luciana Santos, da Ciência) têm boa relação, mas tucanos vislumbram problemas



Vi declarações de lideranças nacionais do PSDB, que provavelmente sequer colocaram o pé no estado, dando palpite e confundindo os assuntos. Se tem algum problema, o governador Leite tem toda condição de apontar onde está falhando”

Germano Rigotto,
ex-governador gaúcho

PLs propõem revisão do Código Ambiental

Com o desgaste do governador Eduardo Leite (PSDB), depois das inundações no Rio Grande do Sul, a oposição na Assembleia Legislativa do estado quer revogar medidas que flexibilizam o Código Ambiental gaúcho. Em 2019, no primeiro mandato do tucano, foi apresentada uma proposta de alteração das regras, aprovada rapidamente pelo Legislativo estadual e que mudou 480 pontos da lei então vigente.

Projetos de lei assinados por

deputados do PT e do Psol querem rever as alterações e voltar à redação original da Lei Ambiental. Os projetos querem, ainda, reforçar os meios para a proteção do Pampa, bioma que só existe no estado, e definir a criação de um instituto para gerir os recursos hídricos do Rio Grande do Sul.

Os principais pontos a serem atacados pelos projetos são: 1) a reversão do autolimpicamento ambiental; 2) a proibição de uso e venda, no estado, de

agrotóxicos que são proibidos no país de fabricação; e 3) o cancelamento da permissão de construção de barragens em áreas de preservação permanente (APPs).

O deputado estadual Adão Pretto (PT), um dos defensores da revogação das alterações feitas em 2019, disse ao **Correio** que o governador não trata a questão ambiental no estado. “Eduardo Leite tem adotado uma postura de descaso com a questão ambiental. Em 2023, houve ciclones,

duas enchentes que deixaram mais de 50 mortos e, agora, a maior catástrofe da história do Rio Grande do Sul. Os recursos destinados a solucionar o problema são do governo federal. Leite, até o momento, não disponibilizou nada de recursos dos cofres estaduais. E não revisou os pontos alterados e as permissões”, explicou. A flexibilização do Código Ambiental foi realizada, à época, sob o pretexto de favorecer o ambiente de negócios. (HL)